

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
ESCOLA NORMAL SUPERIOR - ENS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ADRIELLE SOUZA DA COSTA

**O TRABALHO E A SAÚDE DO PROFESSOR: INDÍCIOS ASSOCIADOS AO
ADOCIMENTO NA PROFISSÃO**

**Manaus-AM
2021**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
ESCOLA NORMAL SUPERIOR - ENS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ADRIELLE SOUZA DA COSTA

**O TRABALHO E A SAÚDE DO PROFESSOR: INDÍCIOS ASSOCIADOS AO
ADOCIMENTO NA PROFISSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Escola Normal Superior –ENS da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura plena em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Sidnei dos Santos Campos.

**Manaus-AM
2021**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

C837t Costa, Adrielle Souza da
O trabalho e a saúde do professor : indícios associados
ao adoecimento na profissão / Adrielle Souza da Costa.
Manaus : [s.n], 2021.
45 f.: il.; 29 cm.

TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura -
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2021.
Inclui bibliografia
Orientador: Campos, Raimundo Sidnei dos Santos

1. Adoecimento. 2. Amazonas. 3. Pandemia da
COVID-19. 4. Saúde. 5. Trabalho docente. I. Campos,
Raimundo Sidnei dos Santos (Orient.). II. Universidade do
Estado do Amazonas. III. O trabalho e a saúde do
professor

Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463

ADRIELLE SOUZA DA COSTA

**O TRABALHO E A SAÚDE DO PROFESSOR: INDÍCIOS ASSOCIADOS
AO ADOECIMENTO NA PROFISSÃO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovação em: 30 de julho de 2021

Banca Examinadora:

Raimundo Sidnei dos Santos Campos
Prof. Dr. Raimundo Sidnei dos Santos Campos (Orientador)
Universidade do Estado do Amazonas – UEA

Nataliana de Souza Paiva
Profa. MSc. Nataliana de Souza Paiva (Examinadora Interna)
Universidade do Estado do Amazonas - UEA

Cinthia Vivianne C. dos Santos
MSc. Cinthia Vivianne Carvalho dos Santos (Examinadora Externa)
CEREST - AM

Dedico a todos os professores, que mesmo diante de tantos desafios, continuam na busca por um mundo melhor através da educação.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a Deus por, ao longo de todo este processo, ter me guiado e dado forças para que pudesse chegar até aqui. Pois, sem ELE nada seria possível.

Aos meus pais, Antônia e Moisés, que são meus maiores exemplos e a quem eu devo a vida e todas as minhas conquistas. Espero poder retribuir ainda mais tudo que já fizeram por mim, minha eterna gratidão a vocês!

A minha irmã, Ana Alice, que mesmo tão pequena, sempre esteve ao meu lado me motivando.

A minha querida avó, Lúcia Rodrigues (in memoriam), cuja presença foi essencial na minha vida e que sonhava tanto em presenciar esse momento.

A minha amiga Patrícia Andrade, amizade que fiz ao longo do curso e que sempre estávamos juntas diante dos desafios e alegrias que a faculdade nos proporcionou.

A todos os mestres que contribuíram com a minha formação acadêmica e profissional durante a minha vida.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Raimundo Sidnei dos Santos Campos, que aceitou me orientar e compartilhar parte de seu conhecimento comigo ao longo de todo este projeto e sempre atendeu a todas as minhas dúvidas da maneira mais clara possível. As suas valiosas contribuições fizeram toda a diferença. Muito obrigada!

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”

(Paulo Freire)

RESUMO

O presente estudo aborda a questão do trabalho e a saúde do professor, tendo por base indícios associados ao adoecimento na profissão. O trabalho, se constitui, na área da educação como uma atividade que pode ocupar grande parcela do tempo do indivíduo, acarretando cada vez mais a incidência de problemas de saúde, tanto no início como no final da caminhada profissional. A pesquisa teve como objetivo geral compreender fatores presentes no contexto do trabalho docente que levam ao adoecimento dos professores. A metodologia se estrutura como uma pesquisa qualitativa em educação, desenvolvida a partir do levantamento bibliográfico e documental, apoiada no paradigma indiciário, sistematizado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg. Os resultados apontaram que dentre as principais enfermidades que mais acometem os professores encontram-se as doenças psicossociais (causadas pela intensificação de trabalho e situações estressoras), osteomusculares e cardiovasculares (que provocam desequilíbrio funcional, resultante de transtornos físicos), a síndrome de Burnout e distúrbios da voz. E dentre os fatores que mais contribuem para tais doenças, se destacam a intensificação e sobrecarga de trabalho, sala de aula superlotada, péssimas condições salariais, desvalorização, entre outros. No contexto atual, com o surgimento da pandemia do coronavírus (COVID-19) os casos de adoecimentos acabaram se agravando, diante das novas condições de trabalho em que os profissionais foram expostos. Casos como esses, se encontram presentes em várias escolas distribuídas por todo o país, e aqui no Amazonas, pude presenciar alguns desses acontecimentos no estágio e também através de estudos realizados em escolas na cidade de Manaus. Diante dos fatos, este estudo mostrou que as transformações que atingem a sociedade, acabam implicando no sistema educacional. E por conseguinte, no trabalho do professor, que se encontra cada vez mais complexo e imerso a desafios constantes, o que gera um grande abalo na saúde do professor e o deixa mais vulnerável às doenças ocupacionais.

Palavras-chave: Adoecimento. Amazonas. Pandemia da COVID-19. Saúde. Trabalho docente.

ABSTRACT

This study addresses the issue of work and teacher health, based on evidence associated with illness in the profession. Work, in the area of education, constitutes an activity that can occupy a large portion of the individual's time, increasingly causing the incidence of health problems, both at the beginning and at the end of the professional journey. The research had as a general objective to understand factors present in the context of the teaching work that lead to the illness of teachers. The methodology is structured as a qualitative research in education, developed from a bibliographical and documental survey, supported by the evidential paradigm, systematized by the Italian historian Carlo Ginzburg. The results showed that among the main illnesses that most affect teachers are psychosocial diseases (caused by intensifying work and stressful situations), musculoskeletal and cardiovascular diseases (which cause functional imbalance resulting from physical disorders), Burnout syndrome and voice disorders. And among the factors that most contribute to such diseases, the intensification and work overload, overcrowded classrooms, terrible salary conditions, devaluation, among others, stand out. In the current context, with the emergence of the coronavirus pandemic (COVID-19), cases of illness ended up getting worse, given the new working conditions in which professionals were exposed. Cases like these are present in several schools throughout the country, and here in Amazonas, I was able to witness some of these events during the internship and also through studies carried out in schools in the city of Manaus. Given the facts, this study showed that the transformations that affect society end up affecting the educational system. And therefore, in the teacher's work, which is increasingly complex and immersed in constant challenges, which generates a great impact on the teacher's health and makes him more vulnerable to occupational diseases.

Keywords: Illness. Amazons. COVID-19 pandemic. Health. Teaching work.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO	13
1.1 O trabalho docente e os desafios na atualidade	13
1.1.2 O trabalho docente em meio a pandemia da COVID-19	16
1.2 Processo saúde-doença: breves considerações	18
1.3 O adoecimento do professor no seu contexto de trabalho	20
1.3.1 Transtornos mentais e comportamentais	22
3.1.2 Síndrome de Burnout	23
3.1.3 Distúrbios da voz	25
3.1.4 Doenças osteomusculares	25
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	28
CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO	31
CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

O trabalho do professor é uma das principais profissões presentes na estrutura organizacional de um país, é necessário que haja uma melhor atenção às condições trabalhistas que envolvem este profissional. Pois, é alarmante o índice de adoecimento ocupacional que atinge a categoria.

A docência é repleta de desafios e exigências, e com as mudanças que atingem a sociedade acaba-se intensificando e sobrecarregando ainda mais a atividade docente. Como relata Reis et al (2006, p. 231) ensinar é uma atividade em geral altamente estressante, com repercussões evidentes na saúde física, mental e no desempenho profissional dos professores. Assunção e Oliveira (2009), destacam que o professor quando exaurido da intensificação gerada pelas inúmeras atividades impostas pelo trabalho docente, finda-se tendo sua saúde mais debilitada e passível ao surgimento de doenças. E entre as principais enfermidades relatadas no estudo de Queiroz e Marinho (2020) estão as psicossomáticas que foram as mais citadas, seguidos de doenças osteomusculares e nas cordas vocais.

Quando acometido por doenças, o professor tende a desenvolver sentimento de desânimo e insatisfação com o ofício, já que a atividade que era para ser geradora de satisfação pessoal e profissional, acaba sendo motivo de sofrimento.

É importante ressaltar, que no contexto atual que se encontra a educação, o professor vem passando por grandes abalos na sua saúde em decorrência da pandemia¹ da COVID-19 pelo novo coronavírus² (SARS-CoV-2) que produziu uma crise sanitária que repercutiu no contexto escolar, na organização do ensino e principalmente na saúde dos professores.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou medidas de quarentena e de isolamento social que repercutiram na organização do ensino na escola e tiveram impacto na vida da comunidade escolar. Diante de novas regras de convivência para

¹ Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença e o termo passa a ser usado quando uma epidemia, surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa.

² A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) declara que os coronavírus (CoV) são uma ampla família de vírus que podem causar uma variedade de condições, do resfriado comum a doenças mais graves, como a síndrome respiratória do Oriente Médio (MERS-CoV) e a síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV). O novo coronavírus (nCoV) é uma nova cepa de coronavírus que havia sido previamente identificada em humanos. Conhecido como 2019-nCoV ou COVID-19, ele só foi detectado após a notificação de um surto em Wuhan, China, em dezembro do ano de 2019. (<https://www.paho.org/pt/topicos/coronavirus>)

conter o avanço da doença, o trabalho docente foi redimensionado pelo uso de tecnologias de informação e comunicação. Neste sentido, “o trabalho docente, cuja realidade já era de intensificação, exploração e tendência ao adoecimento, se agrava com a pandemia”. (OLIVEIRA et al 2017 apud ALESSI et al 2021, p.18).

Com a pandemia surgiu a necessidade de que as aulas fossem ministradas através do ensino remoto, o que gerou momentos de tensões entre os docentes, já que os mesmos tiveram que adaptar os seus métodos ao meio tecnológico. Alessi et al enfatiza que “nas instituições públicas, entrou em vigor o Ensino Remoto Emergencial (ERE), que permitiu aulas via plataformas digitais institucionais ou plataformas privadas, sem assegurar as condições de trabalho”. (2017, p.17).

Este contexto produziu intensas e aceleradas mudanças no processo de ensino e aprendizagem na escola, e por conseguinte, criou uma desestabilidade ainda maior na saúde do professor, ocasionando em desgaste físico e mental diante das dificuldades para enfrentar essa nova modalidade de ensino.

Diante da realidade histórica de precarização do trabalho docente e dos fatos recentes decorrentes da pandemia, mostra-se a necessidade de investigações para compreender as condições de trabalho em que estão expostos os docentes, responsáveis pelo desencadeamento de doenças ocupacionais. Assim, diante da temática apresentada, como problema de pesquisa, formula-se a seguinte questão a ser investigada no presente estudo: o que causa o adoecimento do professor no contexto do trabalho docente?

A partir do problema de pesquisa, se desdobram questões norteadoras, pontudas a seguir: (a) que aspectos do trabalho docente interferem no processo saúde-doença do professor? (b) quais as doenças ocupacionais mais recorrentes e suas relações com o trabalho docente? (c) como o adoecimento relacionado ao trabalho docente se reflete na prática pedagógica dos professores?

Justifica-se ainda, que a propensão ao tema, se deu devido a vivência educacional, no cotidiano escolar durante os estágios supervisionados. Em virtude de presenciar casos de afastamentos de professores das instituições de ensino, por fatores gerados pelo adoecimento adquirido dentro do ambiente escolar. Surgindo assim a motivação para a realização deste estudo, haja vista a atual situação que se encontra o trabalho docente, que perante as transformações associadas às reformas trabalhistas e educacionais acaba causando implicações na saúde do professor e favorecendo ao adoecimento. E ainda, com o elevado número de professores

acometidos por enfermidades, eleva também o número de absenteísmo nas escolas e por conseguinte, prejuízos ao processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Desta forma, é de grande significância estudos que visem conhecer mais sobre o meio de trabalho do professor e assim, poder instigar outras futuras pesquisas que possam ajudar a desenvolver meios de prevenção ao adoecimento do professor.

Com base na necessidade de pesquisa apresentada, definiu-se como objetivo geral: compreender as condições presentes no contexto do trabalho docente que induzem ao adoecimento destes profissionais. E, como objetivos específicos: (a) conhecer a complexidade do trabalho docente na atualidade; (b) identificar as principais causas e doenças do adoecimento docente; e, (c) entender como o adoecimento relacionado ao trabalho se reflete na prática pedagógica dos professores.

A metodologia adotada neste estudo segue a abordagem da pesquisa qualitativa em educação, tendo sido desenvolvida, a partir do levantamento bibliográfico e documental com base no enfoque teórico-metodológico do Paradigma Indiciário, sistematizado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, na obra intitulada “Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história” (1989), sobretudo no texto “Sinais: Raízes de um Paradigma indiciário” (1989). Entende-se que, Ginzburg (1989) sistematiza o modelo epistemológico que consiste num conjunto de processos que orientam a elaboração do conhecimento a partir da investigação minuciosa e análise refinada dos indícios, dos sinais e dos dados.

Os dados para o desenvolvimento da pesquisa foram coletados diretamente de livros, revistas, artigos científicos, teses e dissertações disponíveis no formato digital em sites oficiais e de credibilidade acadêmica. Assim, foi realizada uma investigação para se explorar a temática, partindo de descritores (indícios), tendo como fontes principais as publicações científicas em formato eletrônico na web disponibilizadas nas bases de dados da *SciELO (Scientific Electronic Library Online)*, portal da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e *Google Acadêmico (Google Scholar)*.

Diante dessas acepções este trabalho encontra-se estruturado em três (3) capítulos onde, inicialmente elencamos a introdução que objetivou apresentar um breve contexto sobre a temática.

No capítulo I, denominado referencial teórico, abordou-se sobre o trabalho docente e os desafios na atualidade, o adoecimento do professor no seu contexto de trabalho e o processo saúde-doença: breves considerações.

No capítulo II, apresenta a metodologia de pesquisa realizada para o desenvolvimento do estudo.

No capítulo III, encontra-se descrito a apresentação dos resultados e discussões da investigação do estudo, finalizando com a conclusão do estudo.

E com base nesse estudo, os resultados apontam as evidências da precarização que atinge o trabalho docente na atualidade, diante de tantos desafios presentes no dia a dia do professor, como a intensificação de suas atividades, carga horária redobrada, desvalorização salarial, adaptação aos meios tecnológicos, etc. Findam contribuindo ao adoecimento desse profissional, que diante de tudo isso, acaba desencadeando patologias como o estresse, ansiedade, distúrbios da voz, osteomusculares, entre outros. Com o surgimento da pandemia da COVID-19, casos de enfermidades aos professores acabaram se agravando, pois diante dos desafios impostos pelas novas condições de trabalho, gerou-se um grande abalo na saúde mental desses profissionais. Portanto, é essencial que sejam desenvolvidas medidas de prevenção a saúde, para assim, evitar o crescimento de professores acometidos por doenças ocupacionais.

CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 O trabalho docente e os desafios na atualidade

O trabalho na sociedade contemporânea vem passando por grandes transformações nas últimas duas décadas, o que acaba gerando grandes impactos em todas as profissões. “Trabalhar é agir num determinado contexto em função de um objetivo, atuando sobre um material qualquer para transformá-lo através do uso de utensílios e técnicas”. (TARDIF & LESSARD, 2005, p. 49).

Antunes (2000), destaca que na sociedade capitalista, o trabalho humano se torna apenas uma forma imprescindível de reprodução de capital e os trabalhadores perdem os seus direitos sociais para se adaptar às novas relações trabalhistas.

[...] O neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível, dotadas de forte caráter destrutivo, têm acarretado, entre tantos aspectos nefastos, um monumental desemprego, uma enorme precarização do trabalho e uma degradação crescente, na relação metabólica entre homem e natureza. (ANTUNES, 2000, p.35)

Observa-se que a forte influência do pensamento neoliberal na economia acabou gerando grandes transformações, resultando na precarização em todos os setores de trabalho. Nesta perspectiva, a organização do trabalho e as demandas do mundo atual impõe diversos desafios ao dia a dia do professor. Como enfatiza Bueno e Almeida (2016), todas essas mudanças institucionais que vêm ocorrendo no âmbito educacional fazem parte de uma política mais ampla, instituída nos países capitalistas, para manter um complexo processo de dominação.

Com as transformações ocorridas ao longo da história do capitalismo a escola se transforma no que, nas últimas décadas do século XX, significa a disseminação e imposição da política mercantil aos governos nacionais e à educação. Segundo a lógica capitalista e a modernização tecnológica, a qualidade de ensino passou a ser avaliada pelos seus altos índices de produtividade. (FERREIRA, 2013, p.30)

No processo de ressignificação que atingiu o sistema educacional, a educação passou a ser vista como instrumento de interesses capitalistas e avaliada ao alto grau de produtividade entre os docentes. O que acabou ocasionando, a precarização da profissão e a redução dos números de profissionais nas instituições de ensino,

gerando uma intensificação no trabalho docente como o aumento de alunos por turmas, maior carga de trabalho e ainda maiores responsabilidades.

A precarização laboral que vem afetando o modo de trabalho dos docentes está amplamente ligada às reformas educacionais, que acabam sendo formuladas com interesses capitalistas e fundamentadas nas relações de poder; obliterando o bem-estar do profissional. Conforme relata Tardif & Lessard, “as reformas estão afetando em todo o lugar, os professores, que com razão acabam se sentindo desvalorizados e pouco reconhecidos”. (2005, p. 41).

As políticas educacionais das últimas décadas dos anos de 1990 são entendidas como discursos e dispositivos de uma governabilidade neoliberal, que fornecem uma série de ordenamentos para a organização dos currículos e do ensino e criam um campo de possibilidades para a ação dos professores e de outros agentes educacionais. (GARCIA e ANADON, 2009, p.65)

Esteve (1999, p. 99), enumera doze indicadores básicos que apontam as mudanças na área da educação, acarretando na pressão social sobre a função do professor, a saber: (1) Aumento das exigências em relação ao professor; (2) Inibição educativa de outros agentes de socialização; (3) Desenvolvimento de fontes de informação alternativas à escola; (4) Ruptura do consenso social sobre a educação; (5) Aumento das contradições no exercício da docência; (6) Mudança de expectativas em relação ao sistema de ensino; (7) Modificação do apoio da sociedade ao sistema educativo; (8) Menor valorização social do professor; (9) Mudança dos conteúdos curriculares; (10) Escassez de recursos materiais e deficientes condições de trabalho; (11) Mudança na relação professor-aluno; e, (12) Fragmentação do trabalho do professor.

Oliveira (2004), ressalta que as condições de trabalho dos docentes de escolas públicas brasileiras demonstram um contexto de reestruturação do trabalho pedagógico produzindo novas demandas escolares e, conseqüentemente, modificações nas formas de gestão e organização do trabalho na escola. Estas mudanças têm resultado na intensificação do trabalho docente e em maiores desgastes e insatisfação por parte desses trabalhadores. A esse respeito, a autora destaca:

O que temos observado em nossas pesquisas é que os trabalhadores docentes se sentem obrigados a responder às novas exigências pedagógicas e administrativas, contudo expressam sensação de insegurança e

desamparo tanto do ponto de vista objetivo – faltam-lhes condições de trabalho adequadas – quanto do ponto de vista subjetivo. (OLIVEIRA, 2004, p.1140)

Como exposto acima, é notório a falta de condições adequadas ao trabalho docente, cada vez mais se tornam intensas as rotinas de trabalho e exigências para que este profissional proporcione um ensino de qualidade imposto por um sistema que o impõe a trabalhar mais, entretanto, não são oferecidas melhores condições salariais, ambientes laborais adequados, materiais e recursos suficientes para que o professor possa exercer sua prática.

O professor não pode afirmar que a sua tarefa se reduz apenas ao domínio cognitivo. Para além de saber a matéria que leciona, pede-se ao professor que seja facilitador da aprendizagem, pedagogo eficaz, organizador do trabalho de grupo, e que, para além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, da integração social e da educação sexual etc. (ESTEVE, 1999, p.100)

Além de toda a repercussão no trabalho docente decorrente das transformações sociais, o professor ainda tem que lidar com a deterioração de sua autonomia no desenvolvimento de suas metodologias, tendo em vista, a necessidade de atender às novas exigências do processo de ensino. Como aponta Ferreira (2013) que passa a ser exigido a “utilização de livros didáticos; o uso de tecnologia; as definições presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN 's-, tendo nas competências voltadas para o mercado de trabalho o cerne da formação”.

E a referida autora salienta:

As condições de trabalho que envolve perda de autonomia e com aumento das atividades de trabalho são promotoras de grande desgaste físico, mental e psicológico, as quais têm reflexos negativos sobre os professores, que se sentem cansados com tantas atividades, e com o fato de perderem parte da autonomia de trabalho e, ao mesmo tempo, seu valor social. (2013, p. 31-32)

É fato que o professor se vê imerso a uma série de funções que fogem do seu domínio, pois, acabam não conseguindo desempenhar de forma eficiente as novas demandas do processo de trabalho. “Os professores enfrentam circunstâncias de mudança que os obrigam a fazer mal o seu trabalho, tendo de suportar a crítica generalizada, que, sem analisar essas circunstâncias, os considera como responsáveis imediatos pelas falhas do sistema de ensino”. (ESTEVE, 1999, p 97)

Além da pressão social impostas para que os educadores para atender a todas as funções a eles atribuídas, ainda lidam com a falta de apoio por parte da sociedade e dos familiares dos alunos, os quais depositam nos docentes a insatisfação do ensino oferecido aos estudantes e, com isso, criticam e desmerecem, sem qualquer coerência, a função do professor – sendo considerado o pivô do insucesso do modelo de aprendizado vigente, de quem é exigido, injustamente, melhores qualificações, sem qualquer oferta de estruturação e oportunidades de aprimoramento curricular.

Os apontamentos no estudo de Gasparini, Barreto e Assunção trazem a seguinte ilação:

Os docentes pesquisados citam como fatores de agravamento do problema a quase inexistência de projetos de educação continuada que os capacite para enfrentar a “nova” demanda educacional; o elevado número de alunos por turmas; a infraestrutura física inadequada; a falta de trabalhos pedagógicos em equipe; o desinteresse da família em acompanhar a trajetória escolar de seus filhos; a indisciplina cada vez maior; a desvalorização profissional e os baixos salários, situações que fogem de seu controle e preparo. (2005, p.195)

Com base nisso, se faz importante refletir sobre a realidade do papel do professor, o que se entende é a fragmentação da atividade do professor, muitos não estão conseguindo atingir seus objetivos, não por incompetência, mas por não conseguirem cumprir as inúmeras funções que lhe são atribuídas. E conseqüentemente, o sentimento de desânimo e frustração acaba tomando conta deste profissional, que diante da desvalorização e precarização do seu trabalho fica vulnerável ao adoecimento ocupacional. Como enfatiza o estudo acima mencionado que “as situações mais frequentemente vividas, geradas pelo sofrimento no trabalho, são: depressão, fadiga, insatisfação, frustração, medo, angústia e ansiedade, até chegar à exaustão”. (2005, p.197).

1.1.2 O trabalho docente em meio a pandemia da COVID-19

A situação do trabalho docente que já era considerada precária, se agravou ainda mais com o surgimento de uma nova pandemia ocasionada pelo coronavírus. O vírus causou trágicos impactos para a humanidade de forma geral, de uma hora para a outra, o mundo todo se viu à mercê do SARS-CoV-2.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) denominou como pandemia a disseminação comunitária da COVID-19 em todos os Continentes, em 11 de

março de 2020, após a identificação da doença em dezembro de 2019, em Wuhan, China, sendo reportada pela primeira vez pelo escritório da OMS em 31 de dezembro de 2019. (BRASIL, 2020 apud PACHIEGA E MILANI, 2020, p. 221)

E diante disso, foram adotadas no mundo todo medidas para minimizar a transmissibilidade da doença, como na maioria dos casos, foi proibido o funcionamento de forma presencial de instituições, lojas, comércio, etc. Com o intuito de se alcançar o isolamento social para diminuir a propagação do vírus.

E dessa forma, as aulas presenciais de todas as instituições de ensino, tiveram que ser suspensas. “A crise provocada pela Covid-19 causou a suspensão das aulas em escolas e universidades, afetando mais de 90 por cento dos alunos do mundo. “(IDEM, 2020, p. 221) E para a continuação do calendário escolar, passou a ser necessário às aulas por meio do ensino remoto mediado pelas Tecnologias Digitais da Comunicação e da Informação (TDICs). E por conseguinte, acabou gerando impactos ao profissional docente, pois, como descreve Souza et al (2021, p. 03) “professoras e professores passaram a trabalhar em tempo integral na própria casa, em situação de trabalho remoto, home office ou teletrabalho, expostos às condições de trabalho improvisadas e às jornadas extenuantes.”

É possível imaginar os desafios enfrentados pelos docentes durante essa nova modalidade de ensino, muitos não tinham habilidades e nem formação com os meios tecnológicos e nem possuíam materiais necessários para realizarem seus novos métodos de aula. Como relata Souza et al (2021, p. 05) “Os custos relacionados às condições materiais do trabalho e infraestrutura física, como computador, câmera, microfone, impressora, internet, luz elétrica, mobiliário, entre outros, ficaram a cargo dos docentes.” Além disso, tiveram que lidar com a intensificação, carga horária redobrada, novas metas a serem alcançadas.

Como salienta Alessi et al, em relação ao trabalho docente na pandemia:

Condições de trabalho inadequadas, atendimento a questões organizativas e de orientação, adicionados ao preparo de aulas e ao ensino remoto em si, têm levado ao desgaste dos docentes, à exaustão e ao esgotamento da saúde. (2021, p. 18)

E diante disto, os professores ficaram mais expostos ao desencadeamento de doenças, pois, diante das preocupações que cercavam o momento pandêmico ainda tinham que se preocupar com os desafios de lecionar de forma virtual, a preocupação

com a eficácia do ensino/aprendizagem dos alunos, a falta de conhecimentos tecnológicos, etc. Dessa maneira, o momento contribuiu para o surgimento do mal-estar docente:

A expressão mal-estar docente emprega-se para descrever os efeitos permanentes, de caráter negativo que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que exerce a docência, devido à mudança social acelerada. (ESTEVE, 1999, p. 98 citado por PACHIEGA E MILANI 2020, p. 227)

O mal-estar docente, é um termo que já caracterizava alguns aspectos do trabalho do professor antes da pandemia, e com o surgimento de tal, agravou os sintomas aos professores. Que passaram a se sentir incapazes diante dos vários desafios impostos nesse período, e acabou causando prejuízos à saúde mental, resultando em angústia, estresse, ansiedade e medo de lidar com o desconhecido, dado pelos meios tecnológicos.

Como afirmam os autores supracitados (2020, p. 230) “A COVID-19 fez com que as mudanças sociais fossem aceleradas, as adaptações das práticas pedagógicas alteradas com certa urgência e, assim como os sentimentos de repressão, e o mal-estar docente mostrou-se presente. “

1.2 Processo saúde-doença: breves considerações

A saúde e a doença, são aspectos da vida de todos os indivíduos e são interligadas, pois estão relacionadas com as condições de vida dos seres humanos e seus grupos sociais. São influenciadas por fatores presentes na sociedade que se encontram passíveis de mudanças. “O processo saúde e doença pode ser compreendido a partir das experiências cotidianas atreladas ao imaginário de cada indivíduo, bem como, ao contexto histórico e social em que as pessoas estão inseridas.” (CAMPOS E SCHROEDER, 2020, p. 02)

Faz-se importante entender o conceito de saúde que, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), trata-se de um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades (Brasil, 1986). Ou seja, é a capacidade em que a pessoa tem de viver a própria vida e de enfrentar as atividades presentes no dia a dia. E a VIII Conferência Nacional de Saúde de 1986, a define como:

[...] a resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse de terra e acesso a serviços de saúde. É assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida. (Brasil, 1987)

Portanto, é compreendido que são vários os fatores presentes na forma de organização da sociedade, que podem desencadear impactos no processo saúde-doença dos indivíduos, já que não são apenas fatores que dependem apenas de si próprio, mas sim, dependem de situações que vão além dos seus domínios.

Estes fatores são chamados de Determinantes Sociais da Saúde. Carrapato, Correia e Garcia afirmam que “As diferentes definições existentes na literatura de determinantes sociais da saúde abordam, de forma geral, as condições de vida e condições de trabalho dos indivíduos que de alguma forma condicionam sua saúde”. (2017, p.682)

Para Buss e Filho

As diversas definições de determinantes sociais de saúde (DSS) expressam, com maior ou menor nível de detalhe, o conceito atualmente bastante generalizado de que as condições de vida e trabalho dos indivíduos e de grupos da população estão relacionadas com sua situação de saúde. (2007, p.78)

Neste sentido, pensando no trabalho do professor que se encontra vulnerável aos aspectos relatados, pois diante das mudanças presentes na sociedade acabam causando implicações nas funções desenvolvidas pelos docentes e como efeito, prejudicando a saúde e favorecendo ao adoecimento destes profissionais. “O contexto em que os professores estão inseridos apresenta, geralmente, uma dinâmica de trabalho que tem provocado agravos à saúde.” (CAMPOS E SCHROEDER, 2020, p. 16)

É necessário que haja um equilíbrio entre saúde/doença e, para tanto, faz-se fulcral considerar todos os fatores que possam ser responsáveis por implicar de alguma forma a saúde do indivíduo. À guisa de ilustração, Carrapato *et. al.* (2017, p. 679) citam “O equilíbrio saúde-doença é determinado por uma multiplicidade de fatores de origem social, económica, cultural, ambiental e biológica/genética conhecida internacionalmente”. As condições em que os indivíduos nascem, vivem, trabalham e envelhecem são as principais causas das iniquidades em saúde

existentes, não só no Brasil, mas em todo o mundo. Estas condições incluem os determinantes sociais, econômicos, políticos, culturais e ambientais da saúde.

Nesse sentido, vale ressaltar a importância dos estudos referentes aos determinantes de saúde, pois eles possuem o objetivo de investigar o modo de vida da população em toda a sociedade e entender como isso está relacionado com a saúde da população. Nesta perspectiva, "existem na literatura modelos de investigações que pretendem descrever a complexa relação entre os diferentes fatores que influenciam a determinação da saúde e entre um dos mais referidos está o Dahlgren e Whitehead". (CARVALHO, 2012 apud CARRAPATO et al 2017).

No modelo Dahlgren e Whitehead, os determinantes da saúde estão dispostos em diferentes níveis, sendo o centro do modelo os indivíduos (com as características individuais de idade, gênero e fatores genéticos). No primeiro nível, encontram-se os fatores relacionados com os estilos de vida (com potencial para serem alterados por ações baseadas em informação). No seguinte, estão as redes de apoio sociais e comunitárias, indispensáveis para a saúde da sociedade. Já no nível mais distal, há os determinantes em nível macro (macro determinantes), relacionados com aspectos econômicos, ambientais, culturais da sociedade em geral. Estes, em seu turno, possuem grande capacidade de influenciar os fatores dos níveis subjacentes. De forma geral, a lógica dos determinantes sociais da saúde pretende reduzir as iniquidades em saúde, melhorar a saúde e melhorar o bem-estar, promover o desenvolvimento e alcançar as metas de saúde (CARVALHO, 2012 APUD CARRAPATO, *ET. AL.*, 2017).

Portanto, o processo saúde e doença possui uma ampla definição, não se trata apenas dos fatores biológicos que os interligam, mas sim de vários determinantes que impactam na qualidade de vida e do bem-estar do indivíduo. Através dos DSS, é possível entender quais são as condições presentes na organização da sociedade que geram abalos na saúde e dessa forma, colaborar para que as organizações possam desenvolver medidas de intervenções aos casos de iniquidades.

1.3 O adoecimento do professor no seu contexto de trabalho

Grande parte das pesquisas voltadas para a compreensão do processo de adoecimento humano, as pessoas buscam estudar a relação do trabalho e doença. Como enfatiza Araújo, Pinho e Masson (2019), a saúde do trabalhador é um campo

constituído no paradigma da saúde coletiva, e sua referência é o trabalho: baseia-se na expressão dos elementos nele existentes para estabelecer condições que produzam saúde ou produzam doença e dor.

“Verifica-se o crescimento do adoecimento docente no trabalho, mas poucas ações são desenvolvidas em relação às legislações e políticas específicas que privilegiam a saúde do professor, apesar do elevado número de estudos ressaltando agravos à saúde docente”. (CORTEZ et al., 2017, p.113)

É depreendido, a grande importância que possui o trabalho na vida de todo ser humano, a necessidade de ir em busca de conquistar o que almeja, ter uma vida mais estável, está relacionado ao trabalho, já que através do mesmo, pode-se proporcionar melhores condições de vida e de saúde na vida dos profissionais e de seus dependentes. Porém, quando exercido de forma irregular, pode ser causador de fatores estressores e levar ao adoecimento.

Os processos de desgaste físico e mental dos professores representam consequências negativas não somente para os professores, mas também para o aluno e para o sistema de ensino. Os custos sociais e econômicos podem ter múltiplos desfechos: absentismo, acidentes e enfermidades diversas, físicas, comportamentais e psíquicas. (LANDINI, 2006, p.5 Apud FERREIRA, 2013).

De acordo com Nóvoa (1999), a profissão docente passa por uma crise profunda e os professores encontram-se cada vez mais desmotivados, angustiados e sobrecarregados por conta das novas funções que lhes foram atribuídas e que vão além do seu domínio. Segundo o autor, “as consequências da situação de mal-estar que atinge o professorado estão à vista de todos: desmotivação pessoal e elevados índices de absentismo e de abandono, insatisfação profissional traduzida numa atitude de desinvestimento e de indisposição constate”. (NÓVOA, 1999, p.22)

A desvalorização e a situação precária que se encontra a educação na atualidade se tornou um agravante para o esgotamento físico e mental desse profissional. A docência que poderia ser considerada prazerosa e motivo de realização para os professores, se tornou motivo de sofrimento, pois acabam desenvolvendo o sentimento de incapacidade e frustração por não conseguirem alcançar os seus objetivos diante das novas exigências que cercam a profissão.

A esse respeito, Esteve destaca:

A comparação contínua entre a sua prática docente cotidiana e os ideais que desejariam alcançar levam-nos a esquemas de ansiedade; por vezes, os professores reagem de forma hiperativa, procurando compensar com o seu esforço individual os males endêmicos do ensino[...]. As manifestações depressivas surgem quando o professor chega ao menosprezo de si próprio, culpabilizando-se pela incapacidade de levar à prática os seus ideais pedagógicos.” (1999, p.111).

O mal-estar que afeta os professores, gera uma série de consequências na vida pessoal e profissional dos mesmos. Como aponta Esteve:

Sentimentos de desajustamento e insatisfação perante os problemas reais da prática do ensino, em aberta contradição com a imagem ideal do professor; Pedidos de transferência, como forma de fugir a situações conflituosas; Desenvolvimento de esquemas de inibição, como forma de cortar a implicação pessoal com o trabalho que se realiza; Desejo manifesto de abandonar a docência (realizado ou não); Absentismo laboral, como mecanismo para cortar a tensão acumulada; Esgotamento, como consequência da tensão acumulada; “Stress”; Ansiedade; Depreciação do eu. Autoculpabilização perante a incapacidade de ter sucesso no ensino; Reações neuróticas; Depressões e Ansiedade, como estado permanente associado em termos de causa-efeito a diagnósticos de doença mental. (1999, p.113)

E em relação ao adoecimento, existem vários fatores no trabalho docente que favorecem o surgimento de doenças ocupacionais. Como destaca Baião e Cunha (2013, p. 07) “O trabalho docente pode ser caracterizado por baixa remuneração, superlotação em salas de aula e inadequação estrutural das instituições”. E ainda segundo os autores, esses aspectos causam insatisfação ao profissional, que em busca de rendas extras acabam estendendo a carga horário de serviço e causando a exaustão física e mental.

São vários os estudos que possuem como tema o adoecimento do professor, dentre esses, pode-se citar as doenças que aparecem com mais relevância de acordo com Gasparini, Barreto e Assunção (2005, p. 195) que relatam a prevalência dos transtornos mentais e comportamentais, dos distúrbios da voz e das doenças osteomusculares, os quais atingem os docentes do ensino público e particular de todos os níveis, disciplinas e momentos da carreira.

1.3.1 Transtornos mentais e comportamentais

De acordo com Souza (2013), uma das principais doenças que acometem os professores na atualidade são os transtornos mentais. Tal enfermidade, atinge principalmente as profissões na qual o profissional tem contato de forma direta e

constante com o público, como é o caso do professor. “Entre os docentes, os transtornos mentais situam-se entre as principais queixas de saúde”. (DELCOR ET AL., 2004 APUD FERREIRA ET AL 2015, p. 136)

Transtornos mentais são condições caracterizadas por alterações mórbidas do modo de pensar e do humor (emoções), ou por alterações mórbidas do comportamento, associadas à angústia expressiva e deterioração do funcionamento psíquico global. (DELCOR ET AL., 2004 APUD IDEM 2015, p. 136)

É fato que o trabalho docente é submetido aos mais diversos tipos de situações que fogem do domínio desse profissional, pois, lidam com um variado tipo de comportamentos de alunos (alguns desrespeitosos), intensa carga horária de labor, falta de descanso, turmas superlotadas, exigências constantes, etc. Esses fatores acabam contribuindo para o desenvolvimento de transtornos mentais.

Diante do exposto, esses fatores que atingem o professorado na atualidade são denominados por alguns estudiosos como mal-estar docente, que é definido para explicar os aspectos de caráter negativos relativos ao adoecimento psíquico na profissão.

Zaragoza (1999) citado por Gasparini et al, explica tal questão:

Mal-estar docente a sensação de mal-estar difuso e elaborou um modelo para explicar as relações funcionais existentes entre os múltiplos fatores indicadores do sintoma. Esse modelo considera que uma determinada combinação de fatores pode conduzir os professores a um estado de ansiedade, denominado esgotamento docente, que afeta sua personalidade. São mencionados os professores que souberam elaborar respostas efetivas e integradas ante o aumento de exigências e a enorme transformação a que se viu submetida a profissão docente. Às situações problemáticas que solicitam uma resposta do professor para reduzir o peso dos estímulos ameaçadores, o autor chama de “tensão” e “estresse”. (2005, p. 194)

Lima e Filho (2009, p.73), relatam os sintomas com maior prevalência ao transtorno: cansaço mental (53,9%), estresse (52,4%), ansiedade (42,9%), esquecimento (42,9%), frustração (37,8%), nervosismo (31,1%), angústia (29,3%), insônia (29,1%) e depressão (16,8%).

3.1.2 Síndrome de Burnout

E entre uma das principais doenças que atingem o professor, está a chamada Síndrome de Burnout ou síndrome da desistência que de acordo com a classificação internacional de doenças, recebe o código CID-10 - Z73.0, é desenvolvida pelo esgotamento profissional condicionada ao intenso ritmo de trabalho exercido pelo docente.

Burnout em professores é um fenômeno complexo e multidimensional resultante da interação entre aspectos individuais e o ambiente de trabalho. Este ambiente não diz respeito somente à sala de aula ou ao contexto institucional, mas sim a todos os fatores envolvidos nesta relação, incluindo os fatores macrossociais, como políticas educacionais e fatores sociohistóricos. (FERREIRA, 2013, p. 38)

Carlotto (2002) relata que a síndrome é constituída de três dimensões: exaustão emocional; despersonalização em relação (também denominada cinismo) e baixa realização pessoal no trabalho. A primeira é caracterizada por uma falta ou carência de energia, entusiasmo e um sentimento de esgotamento de recursos; a segunda, que se caracteriza por tratar os clientes, colegas e a organização como objetos; e a terceira dimensão, tendência do trabalhador a se autoavaliar de forma negativa. O professor tende a desenvolver aspectos profissionais negativos no decorrer da doença, já que se sente dominado pela exaustão mental e física.

O professor pode apresentar prejuízos em seu planejamento de aula, tornando-se este menos frequente e cuidadoso. Apresenta perda de entusiasmo e criatividade, sentindo menos simpatia pelos alunos e menos otimismo quanto à avaliação de seu futuro. (CARLOTTO, 2002, p. 24)

Muitas das vezes, a síndrome pode ser confundida com estresse já que possuem sintomas semelhantes e estão sempre irritados. Souza (2013, p. 31), descreve os principais sintomas como: dores de cabeça, insônia, úlcera, tensão muscular, fadiga crônica, problemas cardiomusculares e cardiovasculares, ansiedade e depressão, além de possíveis transtornos psiquiátricos. E quando afetado por Burnout, o professor tende a desenvolver estado autodepreciativo e arrependido de fazer parte da profissão e, passa a pensar em abandoná-la.

Diante dessas acepções, é importante ressaltar que o *Burnout* advém de um estresse cujo estado já se tornou crônico. Portanto, para se constituir em uma síndrome, o organismo emite vários sinais de alerta, como forma de defesa, para que não alcance o estado irreversível de estresse.

3.1.3 Distúrbios da voz

Também se destacam entre as principais doenças, um dos fatores principais relacionados ao trabalho do professor, o mesmo faz uso da voz como recurso didático para a comunicação com os alunos. “As pesquisas revelam que tendo em vista a associação entre profissão e saúde vocal é a categoria docente aquela que mais apresenta prevalência e incidência de distúrbios desta natureza. (SOUZA, 2013, p. 30)

A voz é um componente da linguagem oral e é também um dos principais vínculos do relacionamento humano. Está intimamente ligada às emoções. Ao ser emitida, a voz transmite, além da mensagem, o estado emocional do/a falante, revelando quando estamos alegres, tristes, eufóricos e nervosos, ou seja, a voz humana sofre grande influência do estado emocional do indivíduo. (AMORIM, 2006, p.34)

Como exposto, é fato que a voz é parte fundamental do trabalho do professor, no entanto, grande parte dos profissionais a usam de maneira inadequada, diante das situações adversas, acabam tendo que aumentar a intensidade da voz. Pois, lidam com turmas superlotadas, ruídos internos/externos do ambiente laboral e até mesmo para chamar a atenção de algum aluno que esteja com indisciplina.

Behlau e Pontes (1999) apud Amorim (2006, p. 23), definem a disфонia que afeta os docentes:

Como qualquer dificuldade ou alteração na emissão vocal que impede a produção natural da voz. Pode manifestar-se por meio de sintomas, como rouquidão, garganta raspando e ardendo, sensação de corpo estranho, tensão no pescoço, cansaço na voz.

3.1.4 Doenças osteomusculares

Além do adoecimento mental que é a principal causa de enfermidade que atinge os professores, existem também os fatores físicos. O professor é responsável por uma gama de atividades, que só depende exclusivamente dele para realizá-las, e com uma sobrecarga extensa de trabalho, acaba gerando um abalo no seu condicionamento físico e mental.

Como aponta Cruz et al:

O trabalho docente requer habilidades intelectuais, mas não está isento de habilidades físicas. A realização das atividades, intra ou extraclasse exige do professor condições físicas e psicológicas, pois as atividades envolvem esforço físico (necessidade de força e resistência muscular para a busca de informações atualizadas, transporte de livros e materiais e ficar sentado ou em pé por tempo prolongado escrevendo ou desenhando – o que envolve gasto energético/calórico e alterações fisiológicas) e esforço mental (para as exigências cognitivas e psíquicas). (2010, p.152)

Cruz et al., (2010), afirma que o desgaste físico e mental que os docentes estão submetidos no decorrer do exercício de sua função é uma das principais causas dos transtornos que os atingem relacionados ao estresse, e que acabam agravando para depressões, crises de ansiedade, fobias, distúrbios psicossociais e síndromes.

Segundo Lameu et al. (2009), os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT) ou lesões por movimentos repetitivos (LER), são doenças caracterizadas pelo desgaste de estruturas do sistema músculo esquelético que atingem várias categorias profissionais.

As atividades exercidas pelos professores causam implicações biomecânicas, como descrito por Ribeiro et al (2011), o trabalho exige do docente muito esforço físico, movimentos repetitivos, elevadas cargas horárias de trabalhos, etc. E dessa forma, acaba favorecendo ao surgimento da doença.

Estes profissionais realizam diariamente atividades como: escrever no quadro com os membros superiores por longos períodos acima do nível da cabeça, digitar provas e aulas, corrigir trabalhos, tais atividades realizadas repetidamente levam ao surgimento de problemas nas articulações que podem causar sérios danos, acarretando desconfortos físicos e psíquicos na vida profissional. (LAMEU, 2009, p. 02)

As condições em que os professores estão inseridos no seu ambiente de trabalho, acaba favorecendo aos distúrbios relatados e por mais que tenham dados que comprovem tal questão, pouco são vistos meios preventivos para diminuir o índice das DORT e LER.

Em relação aos professores, as lesões e/ou alterações osteomusculares mais comuns são a protrusão da cabeça e dos ombros, a hiperlordose cervical e lombar, a cervicobraquialgia, a lombociatalgia, as algias vertebrais, a bursite do ombro, a escoliose, as tendinopatias do punho e as síndromes compressivas do complexo punho-antebraço (DELIBERATO, 2002 citado por LAMEU, 2009, p. 04)

Perante as evidências, é compreendido que são vários os elementos estressores que atingem a categoria docente, e refletem de forma direta no exercício da profissão, muitos professores tendem a abandonar a docência, por não conseguirem lidar com tantas aflições causadas no ambiente laboral. “As consequências da situação de mal-estar que atinge o professorado estão à vista de todos: desmotivação pessoal e elevados índices de absentismo e de abandono”. (NÓVOA, 1999, p.22)

Contudo, pode-se notar que o adoecimento do profissional docente é real, diante das precárias condições de trabalho e a falta de qualidade de vida e bem-estar, o professor se torna vulnerável às doenças ocupacionais. Os estudos relatados e outros existentes, comprovam os casos de enfermidades que vem afetando os professores no seu ambiente de trabalho, é de extrema necessidade soluções que busquem proteger a saúde do professor e proporcionar qualidade de vida.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA

A metodologia é uma explicação, detalhada, rigorosa e precisa de cada ação desenvolvida no método de trabalho de pesquisa. É a descrição do tipo de pesquisa, as ferramentas utilizadas, o tempo esperado, o grupo de pesquisa e a divisão de tarefas, formulários de processamento de dados, enfim, tudo que irá ser trabalhado durante o percurso do estudo. A metodologia é a definição dos procedimentos técnicos a serem adotados para se investigar o assunto desejado, ou seja, a descrição da estrutura de uma pesquisa que se pretende realizar, o esboço inicial do que se quer fazer (GIL,2014).

A metodologia assume uma abordagem de pesquisa qualitativa em educação, tendo sido desenvolvida com base numa revisão bibliográfica e estudo documental, fundamentada no paradigma indiciário de Carlo Ginzburg.

Assim, foram apresentados dados obtidos através da pesquisa bibliográfica e documental, que de acordo com Gil (2002, p. 44) “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” E tem como intuito, colocar o pesquisador em contato direto com os estudos e pesquisas já existentes sobre o tema a ser desenvolvido.

A pesquisa bibliográfica “é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas [...], é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema[...]” (ANDRADE, 2010, p.25). Gil (2002), considera a pesquisa documental como uma fonte rica e estável de dados, sendo semelhante à bibliográfica. Segundo o autor, o que as diferencia é a natureza das fontes.

Como método de análise, a investigação do material bibliográfico e documental realizada foi fundamentada com o paradigma indiciário, que consiste em um método conhecido no campo das pesquisas por conta da sua singularidade. É composto por regras que não comportam formalização e possui como característica metodológica a não separação entre sujeito e objeto. Para Ginzburg (1989), o Paradigma Indiciário consiste na atividade de “farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais” (p.151)

Ginzburg apresenta um método interpretativo da realidade, onde o pesquisador

em seu processo de investigação deve estar curioso e atento aos detalhes e se apoiar no faro e intuição. Os detalhes são reveladores de dados, podendo estar encobertos. Caberá ao pesquisador levar em conta os “sinais” da realidade para tentar decifrá-la e conhecê-la. Em “Sinais: Raízes de um Paradigma indiciário” (1989), Ginzburg sistematiza o modelo epistemológico que consiste num conjunto de processos que orientam a elaboração do conhecimento a partir da investigação minuciosa e análise refinada dos indícios, dos sinais e dos dados.

A coleta de dados constitui-se numa etapa importante do estudo, pois contribui para a definição do caminho da pesquisa. Toda análise realizada foi fundamentada nos dados coletados. Segundo Vergara (2011), negligenciar a importância dessa etapa é aumentar os riscos de fracasso da pesquisa.

Para tanto, os instrumentos utilizados para a coleta de dados, por se tratar de uma abordagem bibliográfica e documental, foram utilizados livros e bases de dados online disponibilizados ao público em geral. Os dados foram coletados diretamente de livros, revistas e artigos, e as fontes principais foram as publicações científicas em formato eletrônico na web disponibilizadas nas bases de dados da *SciELO (Scientific Electronic Library Online)*, portal da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e *Google Acadêmico (Google Scholar)*.

Nas bases citadas acima foi realizada uma seleção de descritores sobre o trabalho e a saúde do professor, com o objetivo de delimitar da melhor forma possível as temáticas a serem incluídas no estudo. Trata-se de um momento importante, pois é quando é formulado e decidido sobre os descritores e palavras chaves da pesquisa. Os descritores escolhidos foram: o trabalho docente na atualidade; precarização do trabalho docente; as doenças ocupacionais; a saúde do professor, o processo saúde-doença e o trabalho docente na pandemia da COVID-19.

Foram selecionados os estudos dos autores que mais referenciados nas pesquisas e estudos da temática desenvolvida. Depois de feita a coleta de dados foram realizados leituras, resumos, fichamentos e análises com base nos indícios encontrados.

Segundo Gil (2014) a coleta de dados é o meio pelo qual se pretende obter os dados necessários para responder ao problema. A partir da coleta de dados passou-se então para a análise dos resultados. A análise dos resultados na concepção de Vergara (2011), evidencia a relação existente entre os dados obtidos e os estudados.

Dessa maneira, o processo de investigação indiciária se baseou na

identificação, análise, comparação, classificação e interpretação dos signos, pistas e indícios, presentes nos dados constituídos pela pesquisa. Assim, os dados documentais e bibliográficos encontrados são reveladores dos indícios de como a saúde do professor está correlacionada com o trabalho docente.

CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Respondendo aos objetivos de acordo com a literatura pesquisada, é possível observar que, embora exista considerável número de publicações que abordam sobre a questão da saúde do professor no contexto do trabalho docente, poucas relatam sobre as ações que busquem alternativas que viabilizem a prevenção do adoecimento relacionado a essa população específica.

O estudo de Antunes (2000) se assemelha ao de Bueno e Almeida (2006), sobretudo, nas abordagens das questões da precarização do trabalho no mundo atual. Com as diversas transformações que vem acometendo a organização da sociedade na atualidade, é notório os grandes impactos no processo de trabalho, pois, as consequências do neoliberalismo e da reestruturação produtiva já são vistas com frequência e atingem em massa os trabalhadores, ocasionando na destruição da força produtiva, da natureza e do meio ambiente. E o trabalho docente que já é complexo, acaba sofrendo ainda mais com esses conflitos causados por essas mudanças, impactando na intensificação da carga de trabalho, baixos salários e transformações no campo educacional.

O estudo de Tardif e Lessard (2005), aborda a questão da complexidade das exigências em que o professor se torne um profissional que tenha inúmeros domínios. O ensino que antes era voltado para as experiências e conhecimentos culturais, passou a ser voltado diretamente para o mercado de trabalho, na atualidade do mundo capitalista, exige-se que o professor ensine com foco em preparar o aluno para atender a dinâmica da sociedade globalizada marcada pela competitividade e pela exclusão. E também reforçam tal constatação, ressaltando as inúmeras dificuldades no desenvolvimento da prática docente e que acaba oscilando entre o processo de desvalorização e perda de autonomia do professor. Estas mudanças acabam ocasionando incertezas e desestabilidades na profissão, e o professor acaba perdendo suas referências culturais e tendo que intensificar suas ações profissionais para atender as exigências de uma sociedade cada vez mais voltada para os interesses do pensamento capitalista.

Os estudos de Alessi et al. (2021), Pachiega e Milani (2020) e Souza et al (2021), trazem a questão do trabalho docente em meio a pandemia do coronavírus e comprovaram os danos causados por essa mudança radical do processo de ensino, à saúde do professor. De uma hora para a outra, o professor viu tudo mudar, e teve

que realizar mudanças nas suas metodologias que estavam elaboradas para as aulas presenciais. E com isso, o trabalho do professor que já era complexo, se agravou ao se tornar mais intenso e sobrecarregado diante das novas exigências para se adaptarem às plataformas online. Muitos não tinham conhecimento e nem habilidades tecnológicas, e com isso se tornaram mais vulneráveis aos fatores de estresse e ansiedade.

Nos estudos de Buss e Filho (2007), Carrapato et al (2017) e Campos e Schroeder (2020), os autores abordam a questão das relações dos determinantes sociais com o processo saúde-doença. É possível entender através dos estudos dos determinantes sociais da saúde, quais são os fatores que implicam no processo saúde-doença de um indivíduo ou grupo de determinada sociedade. Diante disso, é possível entender as principais causas de implicações na saúde do professor, já que não possuem os condicionantes necessários abordados nos DSS que os ofereçam qualidade de vida e de saúde.

Em se tratando de saúde docente e os fatores contribuintes ao adoecimento, é importante ressaltar o estudo de Ferreira (2013), o qual, tratou questões relativas às enfermidades que mais atingem os professores e seus agravantes, e foi concluído que a precarização que atinge o campo educacional acaba manifestando os sentimentos de desmotivação, estresse, desrealização diante dos desafios enfrentados no dia a dia por esses profissionais e, dessa forma, os tornando mais vulneráveis ao desencadeamento de doenças ocupacionais.

No estudo realizado, Queiroz e Marinho (2020) buscaram entender os fatores que estão associados ao desencadeamento de doenças ocupacionais nos professores na cidade de Manaus. A pesquisa foi realizada em 32 escolas com 320 profissionais, e as maiores insatisfações relatadas por eles foram o baixo salário (62.4%), a ausência de acompanhamento familiar na vida escolar dos discentes (19.6%) e a infraestrutura precária do recinto escolar (10.9%). E entre as doenças que mais acometem esses docentes estão as psicossomáticas que foram as mais citadas, seguidos de doenças osteomusculares e nas cordas vocais. Em questão de intervenções, as autoras destacaram a necessidade das políticas públicas que visem de fato valorizar o profissional educador e oferecer melhores condições de trabalho.

Cada vez mais, se torna maior o número de estudos que visam a saúde do professor, como é o caso de Queiroz e Marinho, que realizou a pesquisa com base nos relatos de vários professores que apontavam ao adoecimento. Diante de tantos

fatores que levam ao surgimento de doenças ocupacionais no contexto de trabalho docente, se faz extremamente necessário desenvolver melhorias que visem a qualidade de vida e bem-estar dos profissionais de educação. Diante desse estudo na cidade de Manaus, reflito e me coloco no lugar dos docentes, profissionais que se doam tanto em prol da educação e não recebem de fato a valorização que merecem.

E entre uma das doenças que mais acometem os professores, está a síndrome de *Burnout* como aponta o estudo de Souza (2013) e Carlotto (2002), que buscaram entender o perfil do adoecimento docente, os principais sintomas da doença são dores de cabeça, insônia, úlcera, tensão muscular, fadiga crônica, problemas cardiomusculares e cardiovasculares, ansiedade e depressão, além de possíveis transtornos psiquiátricos. E por isso, o seu reconhecimento é difícil e muitas vezes se confunde com os efeitos do estresse. Essa enfermidade, acomete vários profissionais, em ênfase, o professor que se encontra vulnerável no seu ambiente laboral ao desencadeamento da doença.

A sociedade moderna é caracterizada por avanços tecnológicos como a globalização econômica, mudanças estruturais na produção e nos estilos de trabalho, aumento da concorrência, aumento da produtividade e redução dos custos de entrega de bens e serviços. E dessa forma, acaba implicando em vários fatores que facilitam o surgimento da síndrome de Burnout, essa doença pode atingir todas as pessoas e está amplamente associada ao trabalho do professor. Pode ser considerada, a enfermidade do século, pois diante da intensa rotina da vida moderna acaba gerando um elevado estresse que favorece ao surgimento de outros problemas de saúde e diante disso, muitos profissionais estão chegando a sua exaustão física e mental, como é o caso dos professores.

Estudos como de Reis et al. (2006) e Amorim (2006), retratam sobre a questão da saúde mental e dos distúrbios de voz que com a precariedade do trabalho docente acaba atingindo a saúde do professor. Ensinar é uma atividade altamente estressante que repercute no desempenho profissional do docente e na sua saúde física e mental, e dentre as principais queixas encontradas no estudo de Reis et al. (2006) os 808 professores que fizeram parte da pesquisa relataram o cansaço mental (70,1%) e o nervosismo (49,2%) como os principais fatores que os atingem.

E de acordo com a literatura pesquisada por Amorim (2006), os problemas com a voz foram apontados como a terceira doença que mais acomete os professores pesquisados (55%). A voz, como instrumento essencial do trabalho do professor,

merece atenção e cuidado para que a mesma dê condições ao profissional de exercer seu trabalho de maneira eficaz. E Souza et al (2013), aborda que a necessidade de falar incessantemente e de alterar o tom de voz repetidas vezes, provoca calosidade das cordas vocais. Além disso, a quase obrigatoriedade de ficar em pé em longa permanência causa sobrecargas musculares e no sistema circulatório, constatado um desconforto e/ou dor, levando o docente a afastar-se do ambiente de trabalho e em casos extremos, aposentar-se precocemente ou abandonar a profissão.

Diante de tantos estudos que evidenciam o adoecimento do professor, torna-se cada vez mais preocupante o futuro da profissão, estudos como o acima relatado, nos demonstra a necessidade de melhores condições de trabalho aos docentes. Os ambientes laborais estão contribuindo para o surgimento de doenças, como é o caso do distúrbio da voz, que quando exposto a sala de aula com muitos ruídos, o profissional tende a elevar o tom para que os alunos possam escutá-lo, e dessa forma causando prejuízos a si próprio. Diante de tantos fatores responsáveis pelo desencadeamento de patologias aos profissionais docentes, podemos perceber a urgência de cuidados com a saúde e melhorias trabalhistas aos educadores.

E mais uma pesquisa confirma os casos de adoecimento como vêm demonstrando Ribeiro et al (2011), são cada vez mais frequentes os casos de docentes que se encontram em franco processo de adoecimento. Em seu estudo foram avaliadas características do trabalho docente, ambiente laboral e dor musculoesquelética em membros inferiores, superiores e costas/ coluna. A pesquisa aconteceu com 4.495 professores e entre esses, a prevalência de dor musculoesquelética foi de 41,1% em membros inferiores, 41,1% em costas/coluna e 23,7% em membros superiores. Dessa forma, é possível entender os problemas físicos que causam o trabalho do professor, quando exposto a fatores que contribuem para tal condição, como ficar muito tempo em pé, escrever por horas no quadro/lousa, carga de trabalho elevada e sem momento de descanso, movimentos repetitivos, etc. É possível entender o quão complexo é o trabalho do professor, que está sempre vulnerável ao adoecimento tanto físico como mental.

O estudo de Gasparini, Barreto e Assunção (2005), nos levam a compreensão das reais condições que sofre o trabalho do professor, e a forma como ele se desenvolve. Os adoecimentos físicos e mentais dos professores constituem um desafio e uma necessidade para se entender o processo saúde-doença do trabalhador docente, e os estudos dos autores acima relatados, abordam os dados de

afastamentos dos professores por motivo de saúde das instituições de ensino. E também foi constatado que os adoecimentos psíquicos ficaram em primeiro lugar entre os diagnósticos que provocaram os afastamentos. Os dados comprovam que o adoecimento é um fator que implica muito no pleno desenvolvimento do trabalho do professor, durante a pesquisa é possível verificar os dados que levam esse profissional a se afastar de seu ambiente laboral.

Em suas conclusões Esteve (1999), afirma que é necessário adotar medidas preventivas que interrompam o processo de deterioração da saúde dos professores. Mas qualquer medida que se venha a adotar deve partir da melhoria das condições de trabalho e dos sistemas estatísticos com que operam as inspeções médicas. Entre as medidas sugeridas pelo autor estão programas preventivos durante a formação inicial e para os que estão em serviço, além de processos de reabilitação após licenças médicas. E com base no pensamento do autor, é possível concluir que todas as ações preventivas devem pensar sempre em oferecer qualidade de vida e bem-estar aos docentes, pois diante de tanta precariedade que cerca a profissão, é necessário melhores condições de trabalho a esses profissionais.

Diante do exposto, percebe-se que as doenças ocupacionais no contexto do trabalho docente relativas à saúde do professor evidenciam a necessidade de que exista por parte da escola programas que visem o bem-estar não somente dos alunos, mas dos professores que são partes fundamentais da educação.

Todos os estudos citados nesta pesquisa evidenciaram o envolvimento entre as condições de trabalho do professor e sua saúde. A incidência maior de adoecimento entre os professores possibilita compreender que o nível de desgaste emocional vivenciado por eles em seu ofício tem sido maior que os limites suportáveis pela vivência humana. Esses fatos são preocupantes não somente pelo risco de deterioração da integridade física e emocional dos professores, como também pela forma como desenvolvem suas atividades laborais no cotidiano na escola.

E entre as principais causas de adoecimento docente, é possível concluir que estão relacionadas a intensificação do trabalho do professor causada pelas transformações no processo organizacional da sociedade, que acaba aumentando o nível de exigências burocráticas nas atividades desse profissional. E com isso, gerando sobrecarga, desvalorização, ambientes precários, alunos cada vez mais desrespeitosos, etc. Todos esses fatores acabam contribuindo ao adoecimento

ocupacional do professor e resultam em várias doenças como as já relatadas no presente estudo.

Importante destacar o quanto a pandemia influenciou ao adoecimento do professor, com essa mudança radical no processo de ensino, o professor sofreu o impacto através da intensificação de atividades e da carga horária elevada do seu trabalho, pois o seu ambiente laboral passou a ser a sua própria casa. Além da dificuldade de alguns profissionais de se adaptarem às plataformas online, ainda tinham uma série de preocupações com a eficácia do processo de ensino e aprendizagem dos alunos. E diante desses e outros fatores, o docente foi alvo de estresse, ansiedade que o levou ao abalo da saúde mental e física.

Portanto, a saúde do professor é fundamental para que ele possa exercer sua profissão com eficiência, mas, sobretudo, para que possa ter uma qualidade de vida enquanto ser humano. A docência por ser uma profissão exigente, complexa e desgastante exige maior atenção em relação à saúde, por se tratar de um trabalho voltado para a educação e formação integral do indivíduo nos aspectos sociais, culturais e cognitivos, para que possa torná-lo um agente capaz de transformar sua própria realidade.

Diante do exposto a respeito do trabalho e adoecimento docente, é de grande importância também ressaltar que a docência não é somente baseada em fatores ruins e desencadeadores de doenças. Mas também se constitui na realização de sonhos de muitos professores, tal profissão é de extrema importância para todos, já que é através do trabalho do professor que é possível formar e preparar um cidadão para atuar na sociedade. Importante que sejam oferecidas melhores condições de trabalho aos professores, de forma a resguardar sua saúde dos fatores que os levam ao adoecimento e assim manter o profissional com a saúde equilibrada para que possam dispor de uma boa qualidade de vida e bem-estar e continuar contribuindo da melhor forma possível com a educação de todos na sociedade. Também é necessário que o professor busque cuidar da sua saúde física e mental, devendo sempre priorizá-la e buscar ajuda médica quando sentir que algo não vai bem.

CONCLUSÃO

De acordo com o trabalho apresentado, embasamento teórico, estudo e as análises a partir do levantamento bibliográfico e documental realizado buscou-se identificar o que aponta a literatura em relação ao contexto do trabalho docente e o adoecimento do professor.

Os textos analisados trazem importantes elementos e discussões acerca da saúde física e emocional do professor, o que permitiu compreender alguns fatores, como a intensificação do trabalho docente, a precariedade do ambiente de ensino, o desgaste físico e mental, a desvalorização profissional e salarial entre outros que levam o professor ao adoecimento.

Diante das evidências apresentadas, é possível perceber que a sociedade contemporânea em razão das alterações políticas, sociais, culturais e tecnológicas, vêm atribuindo transformações à função do professor. E diante dessas bruscas mudanças, este profissional, começa a sentir que está perdendo a sua posição que antes era garantida e a partir daí o adoecimento começa a aparecer.

A partir desta revisão, conclui-se que o trabalho docente associado a estilos de vida inadequados pode desencadear o adoecimento. As doenças ou disfunções mais comuns que atingem os professores, de acordo com a literatura referenciada, são doenças psicossociais e osteomusculares que os levam ao afastamento do seu ambiente de trabalho. Os fatores que interferem na saúde do docente, mais relatados foram a sobrecarga de trabalho, precariedade do ambiente de ensino, desvalorização profissional, falta de descanso e de momentos de lazer.

Assim sendo, salienta-se que para o processo educacional avançar, faz-se necessário que iniciemos pelo professor, mas não é simplesmente com a formação desse, mas principalmente com a saúde deste profissional no desempenho de sua prática docente. A preocupação com a saúde docente deve ser um parâmetro fundamental para um sistema educacional consistente, que dê prioridade às melhores condições de trabalho e a valorização destes profissionais.

Assim, é importante observar quais são os principais fatores que contribuem para o adoecimento do professor, com o objetivo de mantê-lo em plenas condições para exercer seu papel na escola e na sociedade. A partir desses levantamentos entende-se que a quantidade excessiva de atividades profissionais como um fator

desencadeador de exaustão física e mental, pois o trabalho passa a invadir momentos da vida que deveriam estar dedicados ao lazer.

E destacando sobre o contexto atual, pode-se perceber a urgente necessidade de melhores condições de trabalho aos professores, a pandemia da COVID-19 gerou grandes conflitos no exercício da prática desses profissionais. A falta de preparo para se adaptarem aos meios tecnológicos e plataformas digitais, foi um fator que desencadeou muito estresse e ansiedade frente a esse novo desafio.

No presente estudo, foi relatado os diversos fatores que acometem no desenvolvimento de doenças ocupacionais aos professores e com isso, é visto a necessidade urgente de meios que possam cuidar da saúde desse profissional e encontrar caminhos para a prevenção de tais doenças.

O professor, possui um grande papel perante a sociedade e na vida de todos os cidadãos e precisa de atenção, reconhecimento e mais respeito com a sua profissão. Ao proteger os profissionais da educação usando medidas preventivas, busca-se também melhorar a qualidade de ensino e reabilitar a esperança no futuro, investindo principalmente no presente.

São necessárias medidas de prevenção a saúde dos professores, buscando alternativas que visem promover melhores condições de trabalho e salariais a esses profissionais, é de grande importância a criação de políticas públicas que amparem de fato a profissão docente e que façam valer as que já existem, pensando sempre na qualidade de vida dos docentes para que assim, possam se sentir motivados e saudáveis para desenvolverem sua profissão.

E para mim, como acadêmica e futura profissional da área de educação, esse estudo me trouxe um olhar mais amplo ao contexto do trabalho docente, estou ciente dos desafios que cerca a profissão e sei em que pontos tenho que intervir para não permitir que os fatores responsáveis pelo adoecimento docente também me afetem. E espero poder somar com o trabalho de todos os docentes que já se encontram na luta para proporcionar uma melhor educação a todos, mesmo diante de tantos desafios e sonho com o dia em que o trabalho do professor seja valorizado da forma como realmente merecem.

O presente estudo apresentou limitações, pois, tinha como intenção no primeiro momento ser realizado através de uma pesquisa de campo, em que seria possível coletar dados através da pesquisa empírica, como relatórios, entrevistas, questionários e conhecer melhor a prática pedagógica dos docentes. Porém, com o

surgimento da pandemia da COVID-19 foi orientado pela comissão nacional de ética em pesquisa (CONEP), que os estudos fossem desenvolvidos de forma virtual, visando “preservar a proteção, segurança e os direitos dos participantes de pesquisa” e dessa forma, passou-se a ser um estudo de cunho bibliográfico e documental.

Portanto, essa pesquisa não teve o propósito de esgotar o tema estudado, mas de estimular o conhecimento na área estudada para conhecer os principais fatores responsáveis no desenvolvimento de doenças ocupacionais dos docentes analisando de que maneira a temática saúde do professor é tratada nas pesquisas em educação e quais são os seus enfoques, possibilitando dessa maneira que novos estudos sejam feitos tendo como base esse assunto.

Como sugestões para pesquisas futuras recomenda-se o aprofundamento do tema abordado, buscando estender a análise desta problemática com o intuito de comparar os resultados desse trabalho. E que mais estudos como este, possam ser realizados para chamar a atenção em relação ao trabalho docente que se encontra necessitando de melhores condições trabalhistas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

ALESSI, Sandra et al. **A crise sanitária aliada as consequências da pandemia pela Covid-19**. Pandemia da COVID-19: trabalho e saúde docente. Universidade e Sociedade. São Paulo. 2021. Disponível em:
https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf

AMORIM, S. N. M. de C. **Distúrbio vocal e estresse: os efeitos do trabalho na saúde de professores/as do ensino fundamental de Goiânia**. Universidade Católica de Goiás (Dissertação de mestrado): Goiânia, 2006. Disponível em:
<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3038/1/SAMIA%20NEVES%20MACIEL%20DE%20CARVALHO%20AMORIM.pdf>

ANTUNES, Ricardo. **A Cidadania Negada**. Buenos Aires. Editora CLACSO. 2000. Disponível em:
<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101010021549/3antunes.pdf>

ARAÚJO, T et al. **Trabalho e saúde de professoras e professores no Brasil: reflexões sobre trajetórias das investigações, avanços e desafios**. Universidade Estadual de Feira de Santana. Santana – BA. 2019. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/csp/a/BYh8RV9xyw6N6kdJSqgHkLg/?lang=pt&format=pdf>

ASSUNÇÃO, A; OLIVEIRA, D. **Intensificação do trabalho e saúde dos professores**. Educação e Sociedade. Campinas. v. 30, n. 107, p. 349-372. 2009. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/es/a/fdCjfWkF8XYXTfyXGcgCbGL/?format=pdf&lang=pt>

Brasil. (1986). **Ministério da Saúde. VIII Conferência Nacional de Saúde – Relatório Final**. Brasília/DF, 1986. Disponível em:
http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/relatorios/relatorio_8.pdf

BUENO, E; ALMEIDA, K. **Um Olhar para Além do Capital: a Possibilidade de Superação do Modelo Neoliberal em Educação**. Porto Das Letras, 1(2), p. 128 - 142. 2006. Disponível em:
<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/1782/8663>

BUSS, P; FILHO, A. **A saúde e seus determinantes sociais**. Saúde Coletiva. Rio de Janeiro. 90 páginas. Março de 2007. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/physis/a/msNmfGf74RqZsbpKYXxNKhm/?lang=pt>

CAMPOS, T; SCHROEDER, T. **Processo saúde e doença na percepção de professores: um olhar para além do aspecto biológico**. Revista Atlante Cuadernos de Educación y Desarrollo. Paraná. 2020. Disponível em:
<https://www.eumed.net/rev/atlante/2020/08/saude-profesores.html>

CARLOTTO, M. **A síndrome de Burnout e o trabalho docente**. Universidade de Santiago de Compostela. Psicologia em estudo. Maringá. v.7, n.1, p. 21-29. Junho de 2002. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pe/a/hfg8JKJTYFpgCNqgqLHS3ppm/?format=pdf&lang=pt>

CARRAPATO, P; CORREIA, P; GARCIA, B. **Determinante da Saúde no Brasil: a procura da equidade na saúde. Saúde e Sociedade**. São Paulo. V26, n.3, p.676-689, 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/PyjhWH9gBP96Wqsr9M5TxJs/?format=pdf&lang=pt>

CORTEZ, P. et al. **A saúde docente no trabalho: apontamentos a partir da literatura recente**. Caderno de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/8d4rRcpjzrYjBhjvmrTLZpc/abstract/?lang=pt>

CRUZ, R. et al. **Saúde docente, condições e carga de trabalho**. Revista Eletrônica de investigação e docência. Santa Catarina. Julho de 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/Samsung/Downloads/1024-Texto%20del%20art%C3%ADculo-3364-1-10-20130804%20\(7\).pdf](file:///C:/Users/Samsung/Downloads/1024-Texto%20del%20art%C3%ADculo-3364-1-10-20130804%20(7).pdf)

CRUZ, R. et al. **Saúde docente, condições e carga de trabalho**. Revista Eletrônica de investigação e docência. Santa Catarina. Julho de 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/Samsung/Downloads/1024-Texto%20del%20art%C3%ADculo-3364-1-10-20130804%20\(7\).pdf](file:///C:/Users/Samsung/Downloads/1024-Texto%20del%20art%C3%ADculo-3364-1-10-20130804%20(7).pdf)

ESTEVE, José. Mudanças sociais e função docente. In: **NÓVOA, Antônio (Org.). Profissão Professor**. 2ª edição. Porto-Portugal. Porto Editora. 1999.

FERREIRA, Shirley Alves. **A Saúde do Professor**. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília. Alto Paraíso de Goiás - GO, Março de 2013. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5471/1/2013_ShirleyAlvesFerreira.pdf

GARCIA, M; ANADON, S. **Reforma educacional, intensificação e auto intensificação do trabalho docente**. Educação e Sociedade. Campinas. v. 30, n. 106. p. 63-85. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/F4ngy7qs3qcGKcSrJh5CB5s/abstract/?lang=pt>

GASPARINI, S. M; BARRETO, S. M; ASSUNÇÃO, A. A. **O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde**. Educação e Pesquisa, v. 31, n. 2, p.189- 199, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/GdZKH9CHs99Qd3vzY5zfmnw/?lang=pt&format=pdf>

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2014. Disponível em: http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/82454/mod_resource/content/1/Ginzburg_carlo.pdf

LAMEU, B et al. **Distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho do professor de ensino fundamental.** Arquivos do MUDI. Maringá. v.23, n.3, p. 60-72, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Samsung/Downloads/51508-Texto%20do%20artigo-751375186724-1-10-20191218.pdf>

LIMA, M; FILHO, D. **Condições de trabalho e saúde do/a professor/a Universitário/a.** Ciências e Cognição. Mato Grosso do Sul. Vol. 14, n.3. P. 62-82. Novembro de 2009. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/253/136>

NÓVOA, Antônio (Org.). **Profissão Professor.** 2ª edição. Porto-Portugal. Porto Editora. 1999.

OLIVEIRA, D.A. **A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização.** Educação e Sociedade. Campinas-SP. v. 25, n. 89. p. 1127-1144. 2004
Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/NM7Gfq9ZpjpVcJnsSFdrM3F/?lang=pt&format=pdf>

PACHIEGA, M; MILANI, D. **Pandemia, as reinvenções educacionais e o mal-estar docente: uma contribuição sob a ótica psicanalítica.** Dialogia, São Paulo, n. 36, p. 220-234, set/dez. 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Samsung/Downloads/18323-81572-1-PB.pdf>

PIANA, M. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional [online].** Editora UNESP. São Paulo. 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/vwc8g/pdf/piana-9788579830389-05.pdf>

QUEIROZ, Júlia; MARINHO, Tatiana. **Profissão docente e saúde de professores da rede municipal de ensino da cidade de Manaus.** Temas em Educ. e Saúde, Araraquara, v. 16, n. 2, p. 575-593, jul/dez. 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/Samsung/Downloads/6-13807-42125-1-sp-ft-revisado%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Samsung/Downloads/6-13807-42125-1-sp-ft-revisado%20(3).pdf)

REIS, J. F. et al. **Docência e exaustão emocional.** Educação e Sociedade. Campinas, vol. 27, n. 94, p. 229-253, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/sbzFLvJbZLg69wmdVx7Ppkm/?lang=pt&format=pdf>

RIBEIRO, I. Q. B.; Araújo T. M.; Carvalho F. M.; Porto L. A.; Reis E. J. F. B. **Fatores ocupacionais associados à dor musculoesquelética em professores.** Revista Baiana de Saúde Pública, v. 35, n. 1, p. 42-64, 2011. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/4dea/f665c4ea9ca505f641654fe57fbc835f4121.pdf>

SOUZA, Adriana. **O perfil do adoecimento docente na universidade de Brasília de 2006 a 2011**. Universidade de Brasília. Brasília. Fevereiro de 2013. Disponível em:

https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12950/1/2013_AdrianaModestoSousa.pdf

SOUZA, Kátia R. et al. **Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia**. Trabalho, Educação e Saúde, v. 19, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tes/a/RrndqvwL8b6YSrx6rT5PyFw/?format=pdf&lang=pt>

TARDIF, M; LESSARD, C. **O trabalho docente**. 2ª edição. Petrópolis-RJ. Editora Vozes.2005.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**.

2 ed. São Paulo: Atlas, 2011. <file:///C:/Users/Samsung/Downloads/Projetos%20e%20Relatórios%20de%20pesquisa%20-%20Sylvia%20Constant%20Vergara.pdf>

WITTER, Geraldina. **Professor-estresse: análise de produção científica**.

Psicologia Escolar e Educacional. Campinas. 2003. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pee/a/h6QnZWngyTbzwTVndgfRgWh/?lang=pt>